



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**15 e 16 de setembro de 2018**

**Diário Catarinense (Capa) e A Notícia  
Comportamento**

“À procura da tolerância perdida”

À procura da tolerância perdida / Ódio / Agressividade / Diálogo /  
Intolerância / Redes sociais / UFSC / Universidade Federal de Santa  
Catarina / Mestranda em Antropologia / Tatiane Cerqueira / Entrevista /  
Monja Budista / Coen Roshi



## COMPORTAMENTO

# À PROCURA DA TOLERÂNCIA PERDIDA

EPISÓDIOS RECENTES DE ódio e agressividade reforçam a necessidade de retomar o diálogo, aprender a lidar com diferenças

KARINE WENZEL

karine.wenzel@somosnsc.com.br

Há uma semana, o então técnico do Figueirense, Milton Cruz, dava uma coletiva após a derrota do time quando foi insultado por dois torcedores, na área restrita à imprensa e familiares. Em praticamente 50 anos envolvido com futebol, como jogador ou treinador, foram os xingamentos mais duros que já recebeu:

– Me agrediram com palavras, a gente fica muito chateado. A diretoria não queria que eu fosse dar a coletiva, mas não matei ninguém, não roubei e queria dar satisfação para o torcedor, que não se resume a esses dois – diz o paulista de 61 anos, que foi demitido por decisão da diretoria, embasada também na pressão da torcida.

Esse não é o único caso de intolerância e ódio recente em Santa Catarina. Basta olhar as redes sociais que neste período eleitoral se transformam ainda mais em campo de batalha, com mensagens de ódio e, em alguns casos, até com ameaças a candidatos e opositores.

Mas, afinal, por que mesmo com tantos avanços ainda há dificuldade em aceitar as opiniões ou posturas divergentes? Especialistas explicam que o debate de ideias pode, e deveria ser saudável, mas para isso é necessário recuperar algumas habilidades como escutar e respeitar o outro, ter empatia e reaprender a discordar.

O professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos João Angelo Fantini, autor do livro *Raízes da Intolerância*, afirma que além de comportamentos explícitos, como racismo, xenofobia e homofobia, há formas sutis de intolerância, que “estão arraigadas de maneira profunda no psiquismo humano e que por isso são de certa forma partilhadas.

– Aposto muito em uma ética pessoal para reverter esse cenário de intolerância: somos estranhos até para nós mesmos (temos um lado inconsciente) e isso deveria servir de parâmetro para avaliar a estranheza do outro. Mas não acredito que deveríamos nos tornar mais “tolerantes”: esta posição implica que estamos em uma posição superior, que “tolera” o outro. Deve-

## NÚMEROS EM SC

Denúncias no Disque 100\* por tipo de discriminação em 2017

- De origem 1
- Por identidade de gênero 3
- Por orientação sexual 10
- Racial/étnica 3
- Religiosa 6
- Social 2

\*Serviço do Ministério dos Direitos Humanos que atende denúncias de violações

riamos antes aprender com as diferenças entre eu e o outro – explica.

## RECUPERAR A CORAGEM E RETORNAR O DIÁLOGO

Para alcançar esse objetivo de aprender com as diferenças, o caminho passa pela comunicação não-violenta, defende Dominic Barter, referência internacional nesta ferramenta desenvolvida para lidar com conflitos. Ele diz que esse tipo de comunicação é fundamental neste momento “de intenso estresse psíquico, desencontro entre as pessoas e enfraquecimento dos pactos sociais e instituições”.

Barter reforça que é necessário recuperar a coragem perante as diferenças e retomar o diálogo. Apesar de não ter uma receita pronta para estabelecer o que chama de discordância saudável. Ele reforça que relembrar momentos de interação que foram tensos, escrever as falas em um papel e se questionar, por trás dos discursos e ações, quais foram as necessidades em comum que os envolvidos queriam ao agir assim.

Mas conseguir debater com calma e ainda aprender com isso não é tarefa fácil. A advogada criminalista Eleonora Rangel Nacif ministra a aula “Como discordar”, na The School of Life, para ensinar as pessoas de como tirar proveito dos conflitos, que, acredita, podem ser benéficos:

– O conflito é interessante porque que nos faz lembrar que estamos em uma democracia, onde podemos discordar abertamente. Além de poderemos questionar nossas próprias crenças e rever nossas opiniões – analisa.

Segundo ela, para que o antagonismo saudável não descaça para violência, é importante colocar as ideias com assertividade, mas sem raiva, sarcasmo ou agressividade.

mais amor e menos intolerância

Curtir Responder 1 d Editado

Dois barbado se beijando é normal nesse horário cheio de crianças assistindo é o fim

Curtir Responder 1 d

Leva todos pra sua casa viu...!!!!

Idiota...

Curtir Responder 21 sem Editado

Parem de vomitar odio

As redes sociais têm sido utilizadas para disseminação da intolerância

## Ódio online

A intolerância sempre existiu, a diferença é que hoje, com as redes sociais, ela tem o potencial de ser ainda mais disseminada, afirmam especialistas. Prova disso é a quantidade de comentários intolerantes que circulam pela web.

O doutor em sociologia André Lemos, coordenador do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço da Universidade Federal da Bahia, lembra que as redes sociais são reflexo da sociedade, mas os algoritmos acabam definindo onde e quem vê determinadas opiniões e, no digital, as pessoas não parecem interessadas no debate:

– Se aparece alguém com opinião diferente, eu deleto, bloqueio,

esse não é um fenômeno novo. A novidade é a lógica algorítmica e o uso de robôs para disseminar as mensagens de ódio.

O especialista defende que se, por um lado, o usuário tem a falsa sensação de proteção na internet ao “gritar” com o outro sem que ele esteja por perto, também há rastros passíveis de serem buscados.

– Internautas acabam colocando ideias xenofobas, homofóbicas, racistas e se blindam num pseudo-anonimato que não existe. Se alguém pratica um crime pela internet isso é possível de ser rastreado, então a pessoa poderá ser identificada e responsabilizada. A nossa legislação já prevê mecanis-

mos para isso – confirma a advogada Eleonora.

Para evitar essa proliferação digital do ódio, a orientação é ter ciência que os algoritmos definem o que você está vendo e tentar se certificar sempre da veracidade das informações que são compartilhadas. O especialista em mediação de conflitos Dominic Barter e diz que as redes sociais, além de desafios, representam possibilidades para trabalhar a tolerância:

– Quem já não escreveu uma mensagem, leu, pensou melhor e editou? Lá há sempre a possibilidade de tirar um tempinho, receber apoio, refletir sobre o que realmente quer e que não vai se arrepende de ter dito depois.

## Mais empatia, por favor

Um meio para aceitar mais o próximo e as diferenças é a empatia. Essa habilidade consiste em se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, tentando compreender os sentimentos e perspectivas diferentes e usar essa compreensão para guiar as próprias ações. O cientista político e sociólogo Roman Krznarić, no livro *O Poder da Empatia*, diz que, apesar de os seres humanos serem naturalmente empáticos, vive-se atualmente um déficit dessa habilidade e isso pode estar relacionado ao fato de mais pessoas morarem sozinhas e se envolverem menos em atividades sociais e comunitárias. Uma

das saídas é, além de reforçar o ensinamento em casa na prática, trabalhar a temática em escolas. Exercitar a empatia e o diálogo foi inclusive uma das aprendizagens essenciais definidas na Base Nacional Comum Curricular, aprovada no ano e que servirá como referência para a formulação dos currículos em todas as escolas públicas e privadas do país.

Para a mestranda em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Tatiane Cerqueira, além de educação são necessárias políticas públicas para lidar com a intolerância, além de ampliar o debate sobre racis-

mo. Tatiane pesquisa, em sua dissertação, as migrações de baianos para a Grande Florianópolis. Ao colher depoimentos de seus conterrâneos, constatou que o racismo e a xenofobia fazem parte do dia a dia desses moradores, que muitas vezes ouvem discursos de ódio e insultos:

– Nós não somos aceitos aqui. Me incluo nisso, porque também sou negra e baiana. É se sentir estrangeiro em seu próprio país. Que civilização é essa que não consegue aceitar uma cultura diferente? Tem uma grande população negra aqui que não é respeitada, não é aceita.

## ENTREVISTA

## "Você só respeita o outro se respeitar a si mesmo"

## COEN ROSHI

Monja budista

*A monja budista Coen Roshi é uma das principais defensora da cultura de paz no Brasil. A jornalista foi ordenada monja há 35 anos, após uma vida tumultuada, que incluiu tentativa de suicídio, viagens alucinógenas com LSD e uma prisão na Suécia. Aos 71 anos é uma das líderes espirituais mais requisitadas do país. A autora do livro "O inferno somos nós: do ódio à cultura de paz", junto com o historiador Leandro Karnal, conversou por telefone com o Diário Catarinense e falou sobre a polarização da sociedade atual, a necessidade de reaprender a conversar e como a tolerância é uma prática.*

**Estamos mais intolerantes atualmente?**

Tivemos épocas da história da humanidade de intolerâncias até maiores, até hoje em dia outros países são mais intolerantes do que o Brasil. Mas o momento que a gente vivendo no país é lamentável. Se nós vivemos numa democracia, você não pode ser insultado, precisa ser respeitado em suas escolhas. Conheço uma família que a mãe a filha não se falam mais, porque são de partidos diferentes. A gente pode ter pontos de vista diferentes, religiões distintas e ideias políticas diferentes, mas temos que respeitar a ideia do outro. Então realmente está tendo uma polaridade muito grande, muita gente que não

falava o que pensava e agora estão falando, mas com uma violência e agressividade tão grande, que é complicado. Então o momento exige reflexão, porque o país só funciona se tiver junto. Um graveto sozinho qualquer um quebra, mas se colocar um monte de gravetinhos juntos, nada quebra. Está na época de crescer e ser capaz de desenvolver a capacidade de respeitar o outro. E não é ficar tentando convencer o outro. Como se fosse bonito ficar brigando com o outro. Isso não é bonito, isso é feio, é insuficiente, é imaturidade do que a gente chama de inteligência espiritual. A inteligência emocional é aquela que você não vai bater em ninguém, porque você conhece suas emoções e consegue controlá-las. A inteligência espiritual é um guarda-chuva maior do que isso, é onde você se pergunta "para que vou fazer isso?" e "isso vai fazer com que a vida seja melhor para todos nós?".

**Há limites para a tolerância?**

É necessário o respeito de pontos de vista opostos, desde que não violem direitos humanos. Nós só podemos ser intolerantes com a intolerância, um abusador, entre outras coisas, não podemos aceitar. Tem certas intolerâncias que a gente tem que dizer "isso não pode acontecer" e se tiver qualquer brincadeira no seu local de trabalho tem que dizer "isso eu não admito". Não é ficar quieto, se esconder. Esse tipo de agressão não pode acontecer, tem que colocar limites, porque se achar graça é concordar. Mas se a pessoa te xingar, te ofen-

der, deixa. A gente precisa desenvolver em nós a capacidade de não responder raiva com raiva, violência com violência.

**E como fazer isso?**

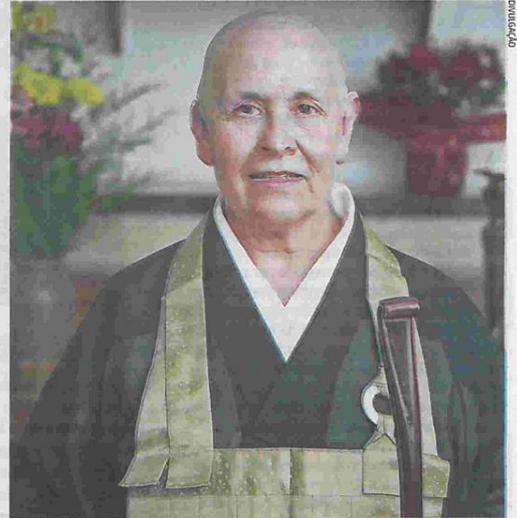
Não é reagir, é agir. É uma ação decisiva de transformação. E para isso muitas vezes basta parar um instantinho e respirar conscientemente. Alguém falou alguma coisa que te ofendeu? Ao invés de ofender de volta, para, respira e pensa "o que será que está acontecendo com esse ser humano?". Temos que elevar o nível da conversa, do pensamento. Depende de cada um de nós. É como a maneira que educa filho, não é o que você fala, é o que você faz, o que está sentindo. Você tem que ser o modelo. Se você está de acordo que é insuportável viver no ódio, você tem que criar condições para que você se torne um átomo de paz. E onde quer que você vá, você vai transformar essa violência em uma não-agressão.

**Isso também passa em criar empatia?**

Tem que entender o outro, por que ele está agindo assim. Tem que desenvolver um coração de sabedoria e compaixão. A pessoa que não tem compaixão não serve para nada. E aquela que é boazinha e não tem sabedoria, também não serve para nada. Tem que estar combinado.

**Então ser tolerante é uma prática?**

É prática, é treino. Meu professor dizia para antes de falar você



deve passar três vezes a língua dentro da boca e ver se o que vai falar será benéfico e levará ao crescimento e desenvolvimento de todos nós. Se for falar por falar, é melhor ficar quieto. Mas também não é engolir sapo. Quando forem coisas impróprias e que ferem o ser humano e direitos humanos eu preciso me manifestar, mas sem ódio. Mas como eu tiro o ódio do meu coração? Eu não deixo o ódio crescer em mim, isso é treinamento. É Tem que ser uma pessoa que se coloca com precisão e assertividade. Você só respeita o outro se você se respeitar a si mesmo.

**É preciso resgatar o diálogo?**

Isso, hoje não tem diálogo. O diálogo é fundamental na construção de uma cultura de paz. Temos que reaprender a conversar. Diálogo significa eu ouço o outro e o compreendo. Nós podemos até discordar, mas com arte, com ternura.

**Qual a raiz dessa cultura de ódio?**

É o medo, a ignorância. A pessoa se sente separada. Isso vem dessa separação. A mudança de olhar tem que acontecer para sobreviver como espécie.

## Notícias do Dia Opinião "A saída para a UFSC"

A saída para a UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Fechamento / MARquE / Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral / Habite-se / Alvará

**10.Opinião** NOTÍCIAS DO DIA  
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 15 E 16 DE SETEMBRO DE 2018

# A SAÍDA PARA A UFSC

**A** Universidade Federal de Santa Catarina é um dos maiores patrimônios do nosso Estado. Muito nos orgulha, pela formação de milhares de profissionais ao longo dos anos e pela capacidade de geração de pesquisa e inovação. Infelizmente, a instituição foi acometida do mesmo tipo de problema que o restante do país. Os anos de má gestão deixaram um duro legado ao atual reitor. E, num momento em que os órgãos de controle estão empenhados em corrigir os rumos da gestão pública, é chegada a hora de a instituição se resignar e lutar para se reconstruir e mostrar seu valor. Não há espaço para contemporizar ou colocar sujeira para debaixo do tapete.

A situação da universidade é grave, como já mostrado pelo Notícias do Dia, em série de reportagens veiculada em julho e como tem sido mostrado quase que diariamente pela divulgação de investiga-

*A universidade não pode mais contemporizar seus problemas e precisa se aproximar da sociedade.*

ções ou por verdadeiros absurdos como o fechamento do MARquE (Museu de Arqueologia e Etnologia), por falta de manutenção e, pior, de Alvará e Habite-se.

Para se reerguer e reconquistar sua credibilidade e confiança, a UFSC só tem um caminho. Precisa ser transparente e integrada à comunidade. Não se pode aceitar que uma das maiores instituições de ensino público do Brasil tenha pouca ou quase nenhuma relação com a cidade onde está instalada e não se tenha conhecimento mínimo, não apenas das dificuldades, mas de onde, ao longo dos últimos anos, foram aplicados e de que forma, os recursos advindos de governo e iniciativa privada. A universidade é pública, é de todos os brasileiros, mas principalmente dos catarinenses. Se ela precisar de ajuda - e ela precisa - todos os catarinenses estarão dispostos a ajudar.

## Notícias do Dia Cidade "Reitor entrega dossiê a ministro"

Reitor entrega dossiê a ministro / Operação Ouvidos Mucos / Ministério da Segurança Pública / Reitor / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Ubaldo Cesar Balthazar / Raul Jungmann / Ministro da Segurança Pública / Polícia Federal / PF / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Prisão / Delegada / Érika Mialik Marena / Suicídio / MPF / Ministério Público Federal / Corregedoria / Chefe de Gabinete / Áureo Mafra de Moraes / Nelson Napp / Relatório Final

**Cidade** 13. NOTÍCIAS DO DIA  
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 15 E 16 DE SETEMBRO DE 2018

# Reitor entrega dossiê a ministro

**UFSC** enviou relatos e documentos sobre a Ouvidos Mucos ao Ministério da Segurança Pública

O reitor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Ubaldo Cesar Balthazar, entregou ao ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, um memorial contendo relatos e documentos sobre a Operação Ouvidos Mucos, deflagrada pela Polícia Federal há exatamente um ano prometendo desmantelar uma quadrilha que desviava verba de bolsas de estudo na universidade. Na manhã do dia 14 de setembro de 2017 policiais federais prenderam seis professores e o reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo. À frente da operação estava a delegada Erika Mialik Marena, ex-integrante da Lava Jato.

Dezoito dias após a prisão, que durou cerca de 36 horas, Cancellier se atirou do sétimo andar de um shopping. Até hoje, cinco dos seis professores alvos da operação continuam impedidos de frequentar a UFSC. Eles foram indiciados pela PF, mas o MPF (Ministério Público Federal) ainda não decidiu se os denuncia ou arquiva as acusações.

O documento entregue por Balthazar ao ministro é dividido em duas partes. A primeira, trata sobre fatos relativos à corregedoria UFSC, responsável por uma investigação entregue à Polícia Federal e que subsidiou para as acusações contra Cancellier e outros professores.

Na segunda parte estão relatos sobre os acontecimentos dos dias 14 e 15 de setembro de 2017, as reações institucionais, o papel de diferentes autoridades no processo, relatos sobre as condições em que os acadêmicos foram presos, interrogados e encarcerados. E, por fim, o processo que envolve a denúncia do MPF contra o reitor e o chefe do gabinete da reitoria, Áureo de Moraes, acusados por PF e MPF de atentado contra a honra da delegada. As acusações contra os dois foram baseadas em duas entrevistas dadas por eles durante evento de aniversário de 57 anos da UFSC.

**23** pessoas foram indiciadas pela Polícia Federal na Operação Ouvidos Mucos, deflagrada há um ano

**Sem provas contra ex-reitor**

Em abril, a Polícia Federal concluiu o relatório final da Ouvidos Mucos indiciando 23 pessoas. O documento é assinado pelo delegado Nelson Napp, que acusou Cancellier de ter chefiado um esquema criminoso e diz que ele só não está entre os indiciados por ter morrido.

Nas 817 páginas do relatório não há provas de que o ex-reitor tenha se beneficiado de qualquer esquema de desvio de verbas na universidade. Os desvios, segundo a investigação, teriam acontecido entre 2008 e 2016. Cancellier, porém, foi o único reitor incriminado pela PF, apesar de ter assumido a direção da universidade apenas em maio de 2016.

Segundo a reitoria da UFSC, o ministro Raul Jungmann disse que fará os "encaminhamentos necessários para apurar as responsabilidades dos diferentes órgãos envolvidos". A Polícia Federal e o Ministério Público Federal não responderam o pedido da reportagem para que comentem o envio do documento ao ministro Jungmann.

**Diário Catarinense e A Notícia  
Conexão Econômica**  
"No board do global innovation"

No board do global innovation / Guilherme Lima / Engenheiro / Graduado /  
UFSC



**NO BOARD DO GLOBAL INNOVATION**

O empresário e consultor Guilherme Lima (E), que foi executivo da Whirlpool Latin America, foi convidado pelo consultor internacional de inovação Hitendra Patel para integrar o conselho mundial do Global Innovation Management Institute (GIMI), liderado por ele, que tem como objetivo difundir e certificar profissionais e empresas inovadoras. Engenheiro graduado pela UFSC, Lima foi vice-presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras.

**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Moacir Pereira**  
"Açoriano"

Açoriano / Professor / Nereu do Valle Pereira / Sociologia / UFSC

**AÇORIANO**

PROFESSOR NEREU DO VALLE PEREIRA RECEBE ESTA SEMANA AS HOMENAGENS DE IMORTAIS, MEMBROS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO E INSTITUIÇÕES CATARINENSES E DOS AÇORES. COMPLETANDO 90 ANOS, É UMA DAS MAIORES AUTORIDADES SOBRE AS TRADIÇÕES E A HISTÓRIA DOS AÇORIANOS NO LITORAL CATARINENSE. PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NA UFSC, TEVE DESTACADA PARTICIPAÇÃO NOS ESTUDOS DO ESPLAN NA DÉCADA DE 1960.

**Notícias do Dia**  
**Do Leitor**

"Ouvidos Moucos"

Ouvidos Moucos / Capes / UFSC / Aglaé Virgilio

**DO LEITOR**

**OUVIDOS MOUCOS**

Bem que a Capes faz em cobrar de volta o dinheiro que não foi aplicado de forma correta pela UFSC. Tem muita gente dizendo que ganha pouco, mas tem carro importado e casa na praia.

**Aglaé Virgilio,**  
via Twitter

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

15/09/18

[Eleições 2018 - Lédio Rosa, candidato ao Senado pelo Partido dos Trabalhadores](#)

[Nenhum país consegue se desenvolver quando o político é sinônimo de ladrão e corrupto](#)

[O que fazer para combater os casos de intolerância](#)

[Menos de 3% dos jovens querem ser professor](#)

16/09/18

[Projetos sobre meio ambiente vão passar por ajustes na Câmara de Florianópolis](#)

[Seminário discute transformações no jornalismo; Estudantes têm direito a inscrição popular](#)